

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 18125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 18500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEH SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NÚMERO, 7

A VEIRO

O JULGAMENTO DOS PRINCIPES

A imprensa de Lisboa debate com muito azedume o testamento do fallecido rei Fernando. No geral, com as *Novidades* á frente e o sr. Navarro por porta estandarte, investe vivamente com a condessa d'Edla, procurando libertar a memoria do rei, pela influencia perniciososa d'essa dama, das graves responsabilidades que a envolvem. Nem os proprios jornaes republicanos, que se affastam aliaz e com razão, da apreciação geral do typo do monarcha, deixam de manifestar um desdenho pronunciado pela mulher do soberano.

O nosso correspondente de Lisboa já se desenvolveu em considerações sobre o assumpto, com pleno accordo e assentimento da nossa parte. O rei não era mau homem realmente, faça-se-lhe essa justiça, e nós somos dos que não dizem mal do rei pelo facto unico d'ellé ser rei. Mas assim como é preciso fazer-lhe justiça n'esse ponto, assim é preciso que se lhe faça em tudo. E uma vez que querem passar tão cedo por cima do seu cadaver a vassoura da historia, passem-n'a de fórma a não deixar nada por varrer. O rei era bom homem, mas nullo como todos os bons homens. Não possuia espirito autoritario e despota, mas tambem não tinha a energia dos grandes caracteres. Incapaz, sem duvida, de fazer mal a ninguem, mas incapaz de evitar da mesma fórma que os outros o fizessem. Não tinha a isenção nem o desprendimento necessario para uma iniciativa de folego, como não o tinha para perdoar com muita facilidade o seu orgulho ferido ou o seu despeito mal tratado. Emfim era um bom homem, com todos os defeitos dos bons homens, que são quasi sempre mais prejudiciaes de que os maus. Estáé que nos parece ser a melhor retratação do seu caracter, e a unica capaz de explicar os actos encontrados da sua longa vida.

Fallam-nos demasiadamente na sua modestia e no seu desprendimento. Todavia logo nas negociações do casamento ficam mal feridos esses apregoados sentimentos. Os negociadores da parte do principe de Coburgo insistem sobre a cathedra reinante, sobre a elevada dotação, sobre a chefia do exercito que reclamam para o seu pupillo. E não largam essas reclamações que sustentam com tamanha insistencia senão quando as veem em grande parte deferidas e no fundo completamente satisfeitas. Seria o filho do duque de Saxe completamente extranho a taes negociações? E' possivel, ainda que não seja muito crível. Entretanto o que é certo é que existe completa analogia entre o espirito dominante das citadas reclamações e aquelle espirito de gratidão com que D. Fernando agradecia a D. Maria

II o conservar, nos actos officiaes, o manto o menos tempo que o podia conservar aos hombros. *Já que elle o não podia pôr!* Entretanto o que é certo é que existe completa analogia entre o espirito avaro das citadas reclamações e o espirito avaro que levou o fallecido a deixar duas ou tres libras a serviaes antigos e 205000 reis mensaes ás viúvas dos creados que mais lhe foram dedicados! Parece que o fallecido de hontem completava no testamento e na sua gratidão o manco de ha cincoenta annos ou pelo menos os seus ascendentes de Coburgo.

Não se falla nem se apregoa menos o seu liberalismo. Não deixa, porém, de ser verdade que D. Fernando se associou, ou por fraqueza ou fosse pelo que fosse, aos actos despoticos do reinado de sua mulher. Sendo conhecida a influencia poderosa que exercia no animo d'aquella senhora, fica conhecido que se não a empregou em a desviar do pessimo caminho em que se metten, foi, ou porque a applaudia n'esse campo, ou porque não teve coragem para lhe aconselhar a verdade e o bem. D. Fernando foi cabralista, ao menos pela cumplicidade do silencio, que não era tamanho ou tão profundo que o não levasse a zombar em Belem do illustre Passos Manuel.

Continua-se fallando e apreguando o patriotismo do sr. D. Fernando. Ora ha muito quem deduza, de varias particularidades, que o pae do sr. D. Luiz não aceitou o throno de Hespanha pela reluctancia com que os hespanhoes aceitavam a condessa d'Edla.

Todas estas circumstancias são de natureza a desfazer a aureola com que querem cercar a fronte do fallecido monarcha, e que persistem em conservar não obstante o rude golpe que lhe deu o testamento. E para isso dão-n'o quasi por demente, ou coacto pelo menos, atacando vivamente uma mulher que se não pode defender. E' contra isto que protestamos em nome da justiça, sem procurações para defender ninguem. E' contra esta mania de dar aos principes todas as glorias que lhe não pertencem e de lhe retirar todas as responsabilidades que lhe incumbem, que nos revoltámos com a energia do costume. Quando os principes sancionam qualquer medida grandiosa, que lhe é arrancada pelo trabalho, pelo talento e pela perseverança de qualquer secretario, logo lhe arremessam com a gloria toda; quando praticam poucas vergonhas successivas, são irresponsaveis, porque estão coactos! Então são responsaveis os secretarios ou ministros! Coacta estava D. Maria II, coacto tem estado o sr. D. Luiz centos de vezes, coacto estava o sr. D. Fernando quando fez o testamento!

Para que são esses ataques violentos, se não insultos a uma mulher que está sem parentes e amigos n'uma terra estrangeira? Foi ella que coagiu o sr. D. Fernando a traçar um testamento deploravel? Ha muito tempo en-

tão que sua magestade andava coacto, sem protestos de ninguem, nem zelos de honra d'estes zeladores da ultima hora. Andava coacto desde que casou com ella! Pois não foi esse casamento a maior tolice de sua magestade? Não é capaz de eclipsar todos os outros que sua magestade podesse praticar? Não é elle a base de tudo que está succedendo? Para que insultar uma mulher, que deixou de ser a sr.ª D. Elisa Hensler para ser a esposa do sr. D. Fernando II de Portugal? Não veem que insultando essa mulher, insultam a memoria do rei? Valha-os Deus, a estes *panegyristas* de principes! Nem ao menos veem que se o fallecido monarcha tinha o cerebro doente quando fez o testamento, muito mais doente o tinha quando se ligou áquella mulher! Era doença antiga, ao que se vê.

Repetimos:— não defendemos ninguem, nem temos procuração para o fazer. Procurámos restabelecer a justiça, e nada mais. Deixem em paz uma pobre mulher; não a procurem enterrar para salvar um principe. O principe que foi avaro no testamento, que procurou, pelo mesmo espirito de avareza, accumular de riquezas a mulher que amava, esquecendo e desprezando todos os outros, é o mesmo avaro que nem dava de jantar aos officiaes da sua guarda, para não gastar dinheiro. Era necessario que seu filho lhes mandasse o jantar da Ajuda! E são estas pequenas coisas que dão a notados homens. Se a condessa d'Edla procurou ficar rica, estava no seu campo e fez o que todas as outras fazem em circumstancias eguaes. Quem sahio do campo natural, foi o rei, que se deixou influenciar por uma mulher se é que deixou. Então, ou calem-se ou ponham as cousas no seu lugar. O contrario é contraproducente.

O OPPORTUNISMO EM FRANÇA

Porque as achámos de summo interesse, tirámos ainda do *El Federalista* as sensatas considerações expendidas pelo seu correspondente em Paris.

«Um accidente de muita importancia principiou a desconcertar a commissão de informação parlamentar encarregada de dar parecer ácerca da proposta da evacuação do Tonkin. Entre os declarantes chamados a informar foi um d'elles o almirante Duperré, primeiro chefe da armada franceza, e uma das pessoas que, pela sua experiencia colonial, suas muitas e frequentes viagens aos paizes asiaticos, e sobre tudo pelos seus extensos conhecimentos, devia dar caracter ao curso das informações, muito especialmente depois do ex-abrupto do general Briere de l'Isle.

O almirante Duperré, com a rude, mas sincera franqueza do homem do mar, e com a energia que dá a consciencia mais solida, pronunciou textualmente ante a commissão de informação

parlamentar, entre outras, as seguintes palavras: «Creio, repetindo o mesmo que já tenho dito, que é possivel entabolar negociações de tratados favoraveis aos interesses da França, junto das côrtes de Hué (Annam) e de Pe-kin (China). Um habil agente diplomatico poderia, sem esforço, modificar os tratados antigos, o qual seria altamente satisfatorio para os annamitas e os chinezes. Creio, pois, que n'este terreno a França poderia negociar com excellentes condições. Mas tambem penso que a occupação do Tonkin é de tal maneira perigosa, que opino devemos sabir d'alli a todo o transe. E' preciso sabir dignamente, mas saímos d'alli. A permanencia no Tonkin não é proveitosa, nem para o paiz, nem para o commercio, nem para nada.»

Calcullem os leitores o effeito que esta declaração produziu na commissão parlamentar. Uma bomba de dinamite não teria feito mais estragos. O estupor foi geral e profundo; mas a gente oportunista não se detem com essas insignificancias, e quando tem adoptada uma determinação pouco lhe importam os argumentos que se lhe apresentem contra os seus propositos, ainda que revistam um caracter de certeza e respeitabilidade tal, que não seja possivel desfazer-os.

Assim é que, á falta de dados e razões fundamentaes que oppôr á exposição do almirante Duperré, lançam sobre este funcionario o epitheto de: «E Bonapartista.» Este é o unico argumento que os ministeriaes sabem objectar, suppondo que essa evasiva seria sufficiente para destruir as solidas razões d'aquelle valente militar. E não calculam que tal procedimento tão inoportuno como mesquinho e ridiculo, cáe de chofre sobre ellés mesmos, poisque ha poucos dias aceitaram como boa essa razão e glorificaram em todos os tons, e reproduziram extensamente, a celebre declaração do general Briere de l'Isle.

E á fé que não ignoram que este general, cuja ligeireza é já notoria, este militar que em plena commissão parlamentar accusou o coronel Herbinge de «alcoollismo inveterado» e disse que «sentia que uma bala intelligente não houvesse desmontado o coronel Herbinge», o general Briere de l'Isle, dizemos, não só é um bonapartista acerrimo, como está de tal maneira possuido de convicções clericas que, durante o tempo em que foi governador do Senegal, mandava trazer de França capellas e egrejas desmontadas, numerando as pedras, para reconstruir logo aquelles templos no territorio da sua jurisdição.

Depois d'isto, que venham os ministeriaes depreciar a declaração do almirante Duperré, por que é bonapartista, e aceitem como indiscutivel a opinião do general Briere de l'Isle. E o mais graphico, é que a nação inteira sabe que os bonapartistas da Camara e os clericas de todos os matizes apoiam o gabinete Bris-

son para se oppor á evacuação do Tonkin, em contrario ás manifestações geraes do paiz e muito especialmente das distinctas fracções republicanas. Por esta razão não nos explicámos o juizo verdadeiramente infantil, que os ministeriaes fizeram da declaração leal e patriótica do almirante Duperré. Só comprehendemos a bilis com que o combatem, conhecendo a importancia d'este facto que necessariamente ha de dar á nação franceza uma idéa clara e precisa do estado das operações militares no Tonkin, destruindo para sempre as phantasticas revelações que os opportunistas architectaram, enganando o paiz com illusorios e beneficios resultados que nunca hão de proporcionar aquellas longiquas, insalubres e desmanteladas paragens.»

GUERRA SERVIO-BULGARA

Conforme sabem os nossos leitores, as operações militares estão suspensas ha bastante tempo, não por vontade dos combatentes, mas pela secreta intervenção das potencias. Por mais que se tem fallado do armisticio, a verdade é que nem as propostas da Bulgaria tem sido aceites pela Servia, nem os propositos d'esta foram admittidos por aquella; é assim estão os dois belligerantes continuando as negociações sem que tenham conseguido chegar a um accordo.

Indubitavelmente a lucta haveria já continuado, pois que a immobilidade de hoje dos bulgaros é uma contraposição á sua actividade de hontem; mas a Austria por uma parte detem os servios e a Russia por sua vez faz o mesmo com os bulgaros; com o que se vem a demonstrar que ainda que exista o pleno estado de guerra, não haverá nenhum choque entre os dois pequenos exercitos servio e bulgaro, em quanto ás potencias convier.

Durante este interregno, que a Servia tem aproveitado favoravelmente, reconstituiu a desorganisação do exercito, chamou as reservas e tem-se desvanecido o panico terrivel que havia invadido as fileiras do rei Milão, estando já em condições para entabular de novo a lucta; de sorte que se não se chegar a ultimar o tratado de paz, os bulgaros terão que vencer grandes difficuldades dentro do territorio servio. Não obstante, se assim succedesse, é quasi certo que as negociações diplomaticas se converteriam em accção armada por parte das potencias e então a guerra seria geral.

Nós cremos que isto não chegará a realizar-se; ou ainda mais, cremos que ha um interesse vivissimo em evitar a guerra a todo o transe, e para alcançal-o far-se-ha não só a paz entre servios e bulgaros, mas chegará a conceder-se a união das duas Bulgarias; a fim de que a questão da Romelia não seja um factor del-

lico, que venha a destruir os projectos pacíficos que hoje dominam. Os russos e austriacos sabem de sobra, assim como também os inglezes, italianos e francezes, que os romeliotas não cederão um apice das suas pretensões de emancipação do domínio da Turquia, e que a situação de hoje é só um compasso de espera, até conhecer o resultado da guerra servio-bulgara. Uma vez resolvido este incidente, é indubitavel que se renovarão os planos do principe Alexandre, apoiados por todo o paiz bulgaro, e como a guerra não convem, a união da Romelia á Bulgaria será um facto positivo, um facto que a mesma Turquia não deixará de consentir pela conta em que o tem, pois não fazendo assim se expõe a uma multidão de contingencias de summa gravidade. E afinal a intervenção ottomana na Romelia é puramente nominal, as attribuições do governador turco são tão escassas, que bem pode dizer-se não existem; é uma vassalagem illusoria, pela qual nada perde a Turquia ao prestar o seu assentimento á emancipação romeliota.

Em troca d'este procedimento detem as ambições austriacas de chegar quanto antes á Salonica, as gregas que desejam apoderarse da Macedonia, as russas que querem dominar a passagem dos Dardanellos; constitue um novo Estado de bastante importancia na peninsula balkanica, estado que servirá de muralha á Turquia contra as invasões estrangeiras. A Bulgaria, assim constituida será a salvaguarda dos interesses turcos, porque n'elles fiará precisamente a conservação da sua propria independencia. Os bulgaros são hoje inimigos dos turcos; mais tarde poderão ser aliados.

Carta de Lisboa

25 de dezembro.

Realisou-se no meio d'uma indifferença, que se pode dizer geral, o enterro do sr. D. Fernando. O diminuto numero de trens que precediam o coche fúnebre, as pouquissimas commissões que o seguiam, e essas mesmas officiaes ou de institutos protegidos pelo fallecido, são de natureza a desmentir a popularidade que os jornaes monarchicos ligavam ao nome do sr. D. Fernando, e a confirmar de vez que a monarchia perde o prestigio completamente entre a nobre população d'esta cidade. Se a morte do rei foi recebida com uma notavel indifferença, como já referi na minha carta ultima, o enterro foi encarado com uma tal frieza, que se não indica o desdem mais completo pela realza dos bragancas, não sei como elle se possa manifestar mais evidente ou mais claro.

Era diminuto, relativamente, o numero de trens, como já disse, que precediam o cortejo. Uns cento e tantos, quando em Lisboa não é raro verem-se duzentos e mais em qualquer enterro. Alem d'isso cheios de gente official, empregados publicos, militares, titulares, homens do Paço, etc. Em nenhum dos rostos d'esses comparsas obrigados se via o minimo signal de dôr. Pelo contrario, alguns dos mais visinhos da corte chegaram a produzir escandalo pelo tom alegre e risonho em que iam.

Pelas ruas a concorrência era naturalmente grande. As cidades de primeira ordem tem isto: reúnem todos os seus habitantes para presenciarem o successo mais insignificante, a que se haja feito largo reclame. Se o enterro de D. Fernando não era um successo insignificante, como de facto não era, havia certamente de chamar a attenção, como chamou, de todo o publico de Lisboa. Ainda assim a maioria accumulou-se nas ruas principalmente para ver desfilar a brigada in-

gleza, que se dizia desembarcar. Não desembarcaram e por isso ficaram logrados os papalvos, a cujo numero me honro de pertencer, que sahiram de casa expressamente para esse fim.

A nota era de galhofa e zombaria. As extensas fileiras de populares, em lugar de se mostrarem entristecidas pela morte do seu rei, como nos bons tempos de *mort le roi, vive le roi*, entretenham-se a metter tudo a ridiculizar. Vinha d'aqui o dito picaresco a proposito da peruca de algum velho general, saltava d'acólá o grito d'alarme sobre qualquer dos muitos ridiculos dos cerimoniaes da corte. Um charivari medonho, em que sobrenadava e desorientação d'este publico meio sceptico e ainda muito ignorante. E para a desorientação ser de todo completa, desataram os jornaes a gritar como possessos contra as tropas por se apresentarem umas com os fardamentos do padrão antigo, outras do padrão moderno, umas com elles novos, outras velhos. No fundo sempre a mesma imprensa portugueza, ignorante, banal, inconsciente, falando de tudo e raras vezes sabendo d'alguma cousa! Se não fôra assim, saberiam que a *pele-nê-le* de fardamentos que tanto lhe deu no golo a ponto de a engasgar, é naturalissima e sempre inevitavel quando se opera uma mudança de uniformes como aquella que se está operando em Portugal. Nem todos os fardamentos podem estar n'um dado instante no mesmo estado de conservação. E por isso, para não obrigar os militares a sacrificios mais pesados, e porque é impossivel preparar milhares de fardamentos n'uma ou duas duzias de dias, é que se dá um praso de seis, sete ou oito mezes para a sua mudança total e completa. N'esse praso de tempo, quem tem logo no principio os fardamentos gastos vae-os fazendo do novo padrão; quem os tem ainda em bom estado, vae-os conservando até ao fim do praso estabelecido. É razoavel, claro, logico, justo e necessario. É isto que se faz em toda a parte, incluindo a Allemanha, o paiz militar por excellencia, onde se vae mais longe, porque se trazem primeiro os fardamentos projectados em experiencia d'envolta com os antigos, srs. palradores do jornalismo, que nada sabeis, porque nada estudaes!

Isto pelo que toca aos padrões antigos e modernos. Quanto aos fardamentos usados ou velhos, ainda ha uma razão mais justa e mais clara para elles. Como se sabe os soldados da reserva tem obrigação de conservar certos artigos do uniforme que levam consigo quando são abalidos ao effectivo dos regimentos. Como não é natural que os tenham novos no fim do tempo, naturalissimo é que se não apresentem com elles novos quando são chamados á fileira por uma circumstancia extraordinaria como aquella porque foram chamados este verão. E como não é justo carregar com despesas homens que já não fazem pequeno sacrificio em prolongar além do usual o chamado tributo de sangue, e como além d'isso a sua passagem pelo exercito é rapida e transitoria, toleram-se-lhes em geral os fardamentos mais usados do que se tolerariam em circumstancias normaes. A esta circumstancia accresce a do serviço do cordão, em que os uniformes se estragam muito. E dado o movimento continuo de tropas de cá para lá e de lá para cá, e ainda nas vespéras do enterro tinham chegado muitas do Minho e Traz os Montes, ou não haviam de ir soldados ao acompanhamento de D. Fernando ou haviam de ir exactamente como foram. Só houve uma cousa para reparo, irem uns regimentos de barretina e outros de barretes. Ah! sim. Deviam ir todos de barretes, porque havia ordem expressa a tal respeito e por conseguinte mereciam severo correctivo os com-

mandantes que osaram não cumprir a ordem. E ahí tem os palradores do jornalismo o que se deu a tal respeito. É bom dar para baixo no sr. Fontes e em todos os da governança, mas com razão ou quando o merecem. Dar a torto e a direito, é annullar forças simplesmente.

Vae uma herrata dos diabos nós periodicos a proposito do testamento do sr. D. Fernando, cuja responsabilidade attribuem exclusivamente á sr.^a condessa de Edla. Ora eis ahí como o fallecido D. Fernando arranhou um primeiro ministro responsavel n'uma cantora de S. Carlos! As *Novidades* de hontem cahiram n'uma *escapadella* razoavel. Attacámos a sr.^a condessa de Edla, exclamava com furor, porque se a não attacarmos a ella temos de attacar o fallecido rei!

E isso mesmo, é isso que nós já tinhamos percebido, e é isso mesmo que nós não achamos regular nem justo. Não dirémos que a sr.^a condessa mereça muitas contemplações ou deferencias. O que dirémos é que nos parece que chegava ser indigno desviar responsabilidades para ir ferir quem talvez as não tenha, ou que as tem pelo menos em segunda ordem. Vociferam que o sr. D. Fernando estava doído quando fez o testamento. Lá que elle estava doído, é verdade. Mas não desde que fez o testamento. Estava doído desde o ultimo casamento. Então, se lhe perdoaram uma tolice, perdoem-lhe as duas que é melhor; se não querem, tomem a segunda como consequencia da primeira. Esse é que é o bom caminho. O sr. D. Fernando está julgado n'um dito espirituoso que ouvi a um querido amigo meu: — *morreu de duas quedas que deu no theatro de S. Carlos*. Julgamento curto, ligeiro e d'um espirito e verdade sem igual!

— Ha dias que está funcionando a commissão de apuramento. Diz-se que se procura ainda metter na minoria o sr. Magalhães Lima. Favor que eu não aceitava no caso d'este sr., depois de ter trabalhado como elle na propaganda eleitoral para receber um pontapé dos proprios que se dizem estar com elle. Sentir-me-hia humilhado. Mas também o não censurarei pelo contrario. Que se entendam e que se arranquem.

Carta de Chaves

25 de dezembro.

Com a maxima attenção li e reli as linhas do numero 196 do *Povo de Aveiro*, subordinadas á epigraphe — «A Reunião dos Radicaes».

Encheram-me de alegria, de enthusiasmo e de esperança.

A organização immediata e segura de um partido que, altivo e energico, destralde n'este pobre mas glorioso Portugal a bandeira pura da Democracia; que firme e nobremente se opponha á corrente de inercia e de dissolução que ameaça apoderar-se de todo o paiz, — deve ser, e é de certo, o mais vehemente desejo de todos os bons portuguezes d'hoje, como é também uma necessidade imperiosa e inadiavel.

O partido republicano portuguez, que, nascido ha pouco, viamos hontem se não forte pelo menos audaz e promettedor, amparado por consciencias vigorosas e sãs, querido por corações cheios do santo amor da patria e da liberdade, está hoje, infelizmente, em meio de uma crise gravissima, abandonado de muitos, votado a um estacionamento que, a prolongar-se, mui facilmente o lançará no abysmo á beira do qual a imbecillidade e a incompetencia da maioria dos chefes o collocou.

O despeito, a indifferença, a desconfiança, o desalento, a descrença dominam presentemente muitos cidadãos, cuja força mui util pode vir a ser, se for bem

aproveitada na grande obra da regeneração da patria.

Nada mais urgente, na critica conjunctura em que nos vemos, do que a união de todos os elementos bons, ora dispersos.

Que se forme, pois, um partido novo, radicalmente republicano, digno dos sublimes e elevados principios democraticos; partido que declare desassombadamente ao povo o fim a que se propõe, que não lhe faltarão adeptos e defensores.

A'vante!

Ivo Telles.

COMMUNICADO

Cidadão redactor.

Escuzado será avivar as irregularidades que continuamente se commettam nos correios — e com especialidade no d'Albergaria Velha — porque as queixas que tenho lido em varios jornaes, já devem enojar, mas para eu pertencer ao numero dos queixosos também me cumpre esclarecer o que sinto.

Em setembro ultimo foram-me remetidas duas cartas da Ribeira de Fragas d'onde sou natural e até hoje estou esperando pelo resultado.

No dia 3 de novembro também me foi remetido o jornal «Districto de Aveiro» do dia 1 do mesmo mez cujo já ha tempo me empenhei bastante para receber da mão do sr. João Marques Ribeiro, professor da mesma terra e até hoje estou esperando pelas correspondencias que me foram dirigidas, que naturalmente ainda passeiam.

Ora, seria muito bom que os srs. empregados dos correios fossem mais rectos n'este serviço que tanto prejudica o publico! e se não estão no caso de tomar cargos de responsabilidade sejam exonerados, mas para se não dar esse caso cumpria-se o dever e o que é de razão.

Estes factos não são estranhos e pela minha parte censuro mais o de Albergaria Velha porque é o correio geral d'aquellas aldeias em contorno.

Repto — os srs. empregados sejam mais cuidadosos n'este serviço porque não é pelo valor que uma carta tem mas sim pode prejudicar qualquer acto grave que haja no seio de uma familia.

Sr. redactor. — As minhas anaphabeticas palavras vão sendo um tanto enfadonhas, porem fico por aqui até ver.

Sou de v. etc.

Lisboa 40 de dezembro de 1885

L. A. P.

NOTICIARIO

Depois de um soffrimento doloroso, succumbiu ante hontem aos estragos de um insulto apoplectico a exc.^{ma} sr.^a D. Maria da Luz da Fonseca Regalla.

Comprehendemos a dôr que ora attribua a familia da malograda e virtuosissima sr.^a que velava carinhosamente a decrepitude do seu venerando pae. A morte surpreendeu-a cruelmente — quando espargia no remanso do seu viver domestico, toda a bondade, todos os affectos, toda a dedicacão da sua bella alma.

Sentimos o golpe rude por que acaba de passar toda a familia da infeliz senhora.

Aqui deixámos consignada a expressão ds nosso sincero pezar-me.

Não podemos, como desejavamos, fazer por intermedio do correio toda a cobrança das assignaturas. Temos grande numero de assignantes em localidades ruraes, onde nos não é possivel fazer por aquella fórma o embolso dos debitos. É aos cavalheiros que n'essas localidades nos tem honrado com a sua protecção, que nos dirigimos, pedindo-lhes a fineza de por qualquer meio satisfazerem a importancia das suas assignaturas.

É obsequio que esperamos merecer.

A quem compete pedimos providencias para um abuso que pôde acarretar resultados funestos. O tanque do chafariz do Espirito Santo é todos os dias invadido por gado bovino, cujo dono sem cuidado pelas travessuras dos

animaes, os deixa as soltas quando vão ali beber agua. Em correias desenfreadas pelas ruas os bois põem em alvoroço os transeuntes, obrigando-os a refugiar-se pelas casas para não serem atropellados.

Alem de ser indecente que aquelle gado vá beber n'um chafariz do centro da cidade, é perigoso que se consinta por mais tempo ao tal descuido o abuso de conduzir soltos os animaes pelo meio da rua.

Na estação do caminho de ferro d'esta cidade não é raro aos passageiros que tem de embarcar no primeiro comboio da manhã luctarem com difficuldades para obter bilhete. Julgámos que é a diffidencia de pessoal a causa d'esta irregularidade. Ainda ha dias um nosso amigo ao embarcar n'aquelle comboio quasi se viu na necessidade de entrar na carroagem sem bilhete, visto que um só empregado se occupava da bagagem e da venda dos bilhetes. Depois de chamar insistentemente na bilheteira, só obteve bilhete quando o comboio já tinha chegado e ainda assim por que foi procurar o empregado que se achava n'outro serviço.

Quem dá providencias?

O tendeiro da rua das Barcas que tinha enludado a tableta do seu estabelecimento, levantou o crepe na quarta feira. As tribulações d'aquelle espirito tão condolente attenuaram-se com o frio d'estes dias, e o pobre homem acha-se já, bem como a tableta da tenda, no estado normal.

Ainda bem, coitado.

Para a vaga deixada pela exoneração de João Pedro de Mendonça Barrato, foi nomeado visltador do sello do districto de Aveiro, o sr. António Xavier Correia.

A proposito: — Em que ficaria a syndicancia aos actos officiaes d'aquelle funcionario accusado de extravio de direitos á fazenda nacional?

No ultimo domingo alguns amadores do bello *bairrez* travaram-se de razões em Esgueira, jogando fortemente o socco, mas sem resultados graves. Dada voz de prisão aos antagonistas, eis que apparece o regedor da freguezia vaporizando alcohol por todos os lados e impõe a sua avinhada auctoridade dando soltura aos prezos. É um regedor á altura...

Parêce que os ciúmes foram o movel da desordem.

Recébmous a visita d'um jornal radical, *O Intransigente*, que acaba de sair á luz em Lisboa.

Seja bem vindo o novo collega, a quem desejámos um futuro longo e prospero.

Ao nosso prezado collega da *Discussão*:

Ha tempos queixámo-nos de não receber regularmente a *Discussão*. O facto continúa a repetir-se, havendo semanas em que não recebemos trez exemplares.

Pedimos providencias á administração d'aquelle periodico.

Suspendeu a sua publicação a *Era Nova*, que deve ser substituida por um novo periodico, o *Diario Republicano*. Os assignantes d'aquelle jornal que estiverem em credito, serão compensados respectivamente pelo *Diario Republicano*. Nada soffrerão, pois, com o desaparecimento da *Era Nova*.

A questão do alistamento militar dos guardas fiscaes occupa ainda as attencões da imprensa. A resistencia dos guardas fez recuar o sr. *Hintze Ribeiro*, mas recuar para um novo assalto á

credulidade e interesses creados d'aquelles funcionarios.

O *Diario* publicou uma portaria, prorogando o tempo para o alistamento, a qual é do teor seguinte:

«Não se tendo completado no prazo designado no artigo 34.º do decreto n.º 4, de 17 de setembro ultimo, os alistamentos da guarda fiscal, e havendo motivos para suppor que tal facto deriva da falta de comprehensão, por parte dos interessados, das vantagens concedidas no mesmo decreto aos individuos que se alistarem no referido corpo: manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria de estado dos negocios da fazenda:

1.º Que seja prorogado até 31 de janeiro de 1886, o prazo concedido aos empregados dos antigos corpos da fiscalisação externa das alfandegas para se alistarem no corpo da guarda fiscal, os quaes deverão, até então, continuar no exercicio das suas respectivas funcções;

2.º Que os inspectores dos circuitos do continente do reino e os chefes dos districtos do circulo das ilhas adjacentes deem a maior publicidade, e façam chegar ao conhecimento de todos os seus subordinados as instrucções que acompanham a presente portaria e d'ella fazem parte integrante.»

Ahi fica o aviso para os interessados, aviso que envolve uma cilada. Pretende-se nada mais do que ganhar tempo. Os guardas que até aquelle periodo não houverem sido alistados serão lançados a margem. Entretanto, o ministro recalitrante e enfatuado, terá prevenido a eventualidade dos guardas persistirem nos seus propositos.

Dizem-nos que alguns dos guardas da circumscripção d'esta cidade deram já o seu nome para a nova milicia, estonteados pelas fleticias garantias constantes das instrucções que acompanham a supradita portaria.

Penitenciando-se do espirito de caloteiro, promette-se-lhes até andarem pagos em dia, cessando os atrasos de vencimentos que se tem dado. Os páreos encontram-se n'um dilemma cruel:— ou vão para a rua, menos prezados os direitos já adquiridos, ou tem de sentar praça, sujeitando-se a todas as vicissitudes da vida militar.

Foi superiormente resolvido que as fianças para tomarem ordens sacras os mançebos recensados para o recrutamento do exercito da armada sejam prestadas nas camaras municipais, e nas mesmas lavrados os respectivos termos em livro especial. Este serviço estava d'antes a cargo dos administradores do concelho.

Causou vivissima impressão um facto communicado pela agencia Havas para os jornaes portuguezes, n'um dos ultimos dias. Dizia-se no despacho que o *Imparcial*, considerado periodico monarchico madrileno contava que o filho mais velho de D. Henrique de Bourbon, quizera entrar nos aposentos da archiduqueza regente, não obstante as ordens em contrario, dadas pelo camarista de serviço. O duque de Sevilha ficara furioso por se lhe negar a entrada, expressando-se em termos inconvenientes e desabridos, não respeitando sequer, a presença dos seus subordinados e rebaixando evidentemente a sua gerarchia de membro da familia real.

Dizia mais o telegramma que o inqualificavel attentado, tendo chegado ao conhecimento do coronel do regimento em que o duque de Sevilha serve, bem como ao do ministro da guerra, fóra dada ordem immediata para que o delinquente passasse á disponibilidade.

Não vimos que a imprensa do reino visinho fizesse mais luz sobre o escandalo que motivou a prisão do duque de Sevilha. Que

fim levaria aquelle Bourbon a pretender internar-se na camara da regente!

A imprensa sopeira continua explorando a morte de D. Fernando, devassando até a vida domestica do defunto monarcha com um desplante nojento. O facto que em si nada tem de surpreendente tem enchido columnas e columnas de estylo apelintradamente, hypocritamente choramigas.

Calem-se para ahi com essa rhetorica de lagrimas que não vertem ou de condolencia que não sentem. D. Fernando, se como homem nos mereceu acatamento e a sua memoria encontra em nós só o respeito que consagramos aos mortos embora a sua vida não tivesse a pureza do arminho, como rei reinante não podia merecer a deificação a que o ergue ahi um jornalismo mais torpe do que ignorante.

Não havia em Portugal varão que fecundasse a s.ª D. Maria II, para felicidade nossa. Foi preciso importar da Saxonia aquelle exemplar humano para a reproducção das magestades em Portugal. E D. Fernando impoz condições aos portuguezes em troca da sua progeneritura! Como isto é ao mesmo tempo ridiculo e repugnante. Se D. Fernando conseguisse fazer conceber a filha a D. Pedro IV, elle ficaria vencendo 100 contos por anno. As redeas do governo passaram aos filhos, e D. Fernando ficou percebendo indevidamente até á morte aquella dotação.

Além d'isso, o paiz deu-lhe palacios, quintas, o que havia de mais precioso nos museus nacionaes, a todo o que elle chamava seu, sendo muito da nação.

Calem-se, portanto; não agitem o thuribulo em volta do cadaver que já vos não póde retribuir a bajulação. Não nos alegrámos com o desaparecimento d'esse vulto, se bem que o paiz lucrou alguma couza, lucro que poderia ser de resultados praticos se a caflia devorista soubesse aproveitar convenientemente aquelles 100 contos que Portugal despendia annualmente com o marido da sr.ª condessa d'Edla.

Principia a offuscar-se a aureola gloriosa de D. Fernando. Pela linguagem da imprensa torpe, o monarcha fallecido devia ser canonisado e elevado á curia celestial; mas eis que appareceu, como a medo, alguns trechos da sua vida, que não primou por honesta nem continente. Vámos colheidos esses fragmentos dos jornaes da capital, porque são d'um interesse d'ocasião.

Um jornal palaciano chegou a avançar que a primeira viuvez da sr.ª Hensler (condessa d'Edla) desperta duvidas; pois parece averiguado existir ainda o seu primeiro marido, o qual só por certas condições não veio a Portugal.

Falla o *Correio da Noite*: Assevera-se que ha mezes se apresentara na junta do credito publico, munido da respectiva procuração, um cavalheiro, comissionado por D. Fernando, a reclamar a conversão em *coupons* de inscripções de assentamento, no valor nominal de mais de 800 contos de reis.

Ora, affirma-se que muitas d'essas inscripções eram producto da primeira venda dos diamantes da corôa, que constituíam bens nacionaes e outros haviam sido herdados por D. Pedro V de sua mãe D. Maria II.

A *Folha do Povo*: Não é segredo para ninguem que D. Fernando deixou em Portugal numerosa prole bastarda e adulterina. Pois no seu testamento não se lembrou de qualquer d'esses filhos.

Ninguem póde apodar de suspeição ou incompetencia os comentarios feitos pela *Provincia* sobre a situação financeira de Portugal. As palavras d'este periodico, monarchico, postas nas columnas d'um jornal não affecta á

monarchia poderiam ser taxadas de paixão politica e de exaggerado pessimismo; mas d'aquella procedencia, não é licito duvidar da sua cruel realidade. E' um orgão da monarchia que põe as côres ao quadro desolador das finanças portuguezas. D'estas confissões é sempre util a sua maxima publicidade. Diz assim o collega:

O assumpto mais importante da actualidade é o crescimento espantoso da divida fluctuante, que no mez de novembro findo subiu a 557 contos. A divida fluctuante é como uma avalanche dos Alpes, que se desprende dos altos cimos, e que vaé rolando e engrossando até que por fim se despedaça sobre uma povoação, arrancando-a e sepultando-a, pessoas e habitações. No mez de outubro, em que se pagaram os juros das obrigações amortisaveis, a divida fluctuante cresceu cerca de 2:500 contos; em novembro cresceu 557 contos sem haver pagamentos de juros a effectuar— sendo aliás os juros uma despeza ordinaria; em dezembro ou janeiro, conforme as respectivas operações da thesouraria se escripturarem por por um só ou pelos dois mezes, a divida fluctuante crescerá cerca de 3:000 contos, para se pagar o coupon externo. A divida fluctuante, que em 30 de novembro ficou em 9:115 contos, subirá a cerca de 13:000 contos tornando imminente um novo emprestimo.

Dada a actual cotação dos nossos fundos externos, que é de 44 1/2 com o desconto dos juros vencidos, não pode esperar-se um emprestimo a juro menor do que 7 1/2. E por felizes nos daremos se apparecer quem nos empreste dinheiro, estando ainda em carteira a maior parte dos titulos do emprestimo de 1884. Ora, só os 12:000 contos, que deitro de poucas semanas haverá de divida fluctuante, representam, n'uma consolidação por aquella taxa, um encargo permanente de 900 contos a mais.

Como fazer face a este augmento de juros? No primeiro trimestre do anno economico corrente, as receitas cresceram 300 contos, devendo porem notar-se que no mez de setembro já houve diminuição. Para afogar aquelle crescimento, que o mez de setembro mostra não ser permanente, houve nas despesas dos ministerios, um augmento de 600 contos! Augmento grande nas despesas dos ministerios, e augmento enorme aos encargos do juro, levam-nos fatalmente a uma catastrophe.

O estoirar esmagador da avalanche está imminente. Não ha figuras de rhetorica, nem disfarces de orçamentologia, que possam esconder a gravidade de uma tal situação e evitar o desenlace temeroso.

As ultimas chuvas que cahiram no concelho de Felgueiras estragaram muito milho. Não permitiram que elle se secasse, fazendo-o crear saibo, o que deu em resultado vender-se em algumas freguezias d'aquelle concelho a 80 reis cada vinte litros; mas nem as gallinhas o comem.

Alguns lavradores foram muito prejudicados.

Dizem da Figueira da Foz que o sal tem ultimamente tido muita sahida para a Beira. O seu preço regula entre 1:800 e 2:500 reis por cada 900 litros, tendendo a augmentar porque os armazens estão quasi esgotados.

Diz o nosso collega do *Districto de Leiria*:

O sal que se vende em alguns armazens de deposito em S. Martinho do Porto, desde agosto até á presente data, e procedente da Figueira da Foz, Aveiro, Algarve e Lisboa, tem uma particularidade notavel. Em lugar de conservar as carnes *consomme-as*!

Não as deteriora; porem a fibra e o tecido celular subcutaneo de-

sapparecem! Carnes salgadas ha dois mezes, com o sal de que se trata, estão reduzidas unicamente ao coiro cabelludo.

Os consummadores queixam-se e com razão de tao estranho facto, e dos prejuizos que soffrem occasionados pelo sal em questão.

O sr. Agostinho Eduardo de Oliveira, distincto guarda-mór de saúde, no porto de S. Martinho, já analysou uma porção de sal pertencente ao vendedor de quem ha mais queixas, e notou o seguinte:

Crystallisação, cor e sabor natural; collocado sobre brazas deixa ouvir a crepitação distinctamente; tratado pelo bi-oxido de manganez, desenvolve-se o chloro; do que tudo se conclue que o sal é bom.

Seja ou não seja, é negocio para serio estudo e a que as pessoas competentes devem dedicar toda a sua attenção.

Por causa das duvidas não seria mau que se prohibisse desde já a venda de similhante sal, até que a sciencia averiguasse da nocividade ou innocividade d'elle.

Uma folha palaciana dá a seguinte noticia:

«A fortuna deixada por el-rei D. Fernando é calculada em 2:000 contos, dos quaes 1:000 em obras de arte e em collecções. D'esses 2:000 contos, 600 são producto do que sua magestade herdara dos filhos fallecidos. Tirando-se dos 1:400 restantes a terça (456 contos) que fica á sr.ª condessa de Edla, ficam 934, que, reunidos aos 600 (herança dos filhos), elevam a contos 1:536 a quantia que deve ser dividida em quatro quinhões, para o sr. D. Luiz, o sr. infante D. Augusto, a sr.ª infanta D. Antonia e os filhos da sr.ª infanta D. Maria Anna. Cada um d'estes quinhões será, pois, de 384 contos.»

A empresa Serões Romanticos, de Belem & C.ª, vaé começar a publicação de um novo romance, devido á penha do muito festejado autor do *Fiacre* n.º 13, *Doidas em Paris*, *Mysterios de uma Herança*, etc. O nome de Xavier de Montepin constitue só por si a mais eloquente das recommendações, e não hesitamos em affirmar que os Milhões do Criminoso hão de despertar interesse maior ainda do que os romances já publicados.

Logo nos primeiros capitulos vemos em scena Joanna Fortier, que ficou aos vinte e seis annos viuva com dois filhos pequeninos. Desempenha ella as funcções de guarda portas na importante fabrica de machinas de Julio Labroue, onde encontra Jacques Garand, contramestre, que a ama, e a persegue constantemente com as suas declarações. Joanna Fortier, porem, jurou a si propria ficar viuva toda a sua vida, e fiel á recordação do seu adorado marido, que morrera, poucos annos depois do casamento, victima de um desastre na officina.

No principio do mez de maio do anno corrente, praticou-se um grande crime na freguezia de Castello Novo, e é auctor d'elle um padre. O caso narra-o o nosso collega *O Begense* da seguinte fórma:

Ha em Castello Novo uma familia composta de pae, mãe e 5 filhos. O pae da familia é tecelão, e não tendo trabalho para ganhar o pão, e vendo em casa a miseria, foi a mãe a casa do sotaina a pedir-lhe uma quantia até que o marido a ganhasse. O padre emprestou-lhe o que lhe fóra pedido, e n'essa occasião violentou a desgraçada mulher communicando-lhe uma molestia de que o sotaina estava cheio.

Deu em resultado a mulher querer-se suicidar, chegando ainda a precipitar-se d'uma varanda e fazendo alguns ferimentos na cabeça e no corpo, mas felizmente não morreu!

Sendo communicado este attentado, contra a honra da pobre mulher, ao bispo da Guarda, este disse que tinha muito que fazer e não tinha vagar para tratar de semelhante negocio!

Coherentes e dignos estes evangelizadores das doutrinas do Vaticano.

Morreu ha dias o *Mendiço da gruta*. Era um pobre anachoreta, que ha 9 annos habitava na concavidade de um penedo do outeiro de Santa Eufemia, distante um kilometro da Povoia de Lanhoso. Foi casado, e d'este casamento teve uma filha, que elle idolatrava.

Dias depois do nascimento da filha, a esposa morreu.

Passaram-se 16 annos de viver resignado, rodeando de todos os carinhos o ente que a esposa lhe deixara e sendo d'ella objecto de ternas caricias.

Um dia, voltando a casa, encontrou-a doente, e dias depois achou-a cadaver. Desde então refugiou-se na gruta, onde morreu, tendo entregado os seus haveres aos pobres da aldeia.

Começou então a viver de esmolas, a privar-se de todo o conforto, e a julgar-se expiando os crimes dos homens.

Enquanto esteve em relações com o mundo, este chamava-lhe *João Baptista do Nascimento*.

De *La Higiene*, referindo-se ás precauções que devemos observar a presente estação:

«Os alimentos devem ser muito nutritivos; as carnes, grãos, leite e queijo devem dominar as fructas e verduras em numero e pezo.

As roupas de abrigo, interiores e exteriores, o calçado forte e alto, os tapetes ou esteiras e na cama os cobertores são uma necessidade inilludível.

O passeio em pleno dia e a gymnastica para os meninos são indispensaveis.

Toda a precaução á sahida dos cafés e theatros será pouca em dias de vento forte, norte ou nordeste.

A melhor distracção para as creanças e pessoas debais serão os passeios campestres em dias claros.»

Um redactor do *Siecle*, o sr. Adolpho Michel, fez ha tempo a comparação do que custava por anno o imperio e o que custa á Republica.

| | |
|---|-----------------|
| Imperador e sua familia | 10.800.000\$000 |
| Escudeiro mór do imperio | 18.000\$000 |
| Capellão-mór do palacio | 22.500\$000 |
| Veador mór | 17.100\$000 |
| Governador do palacio | 15.860\$000 |
| Ministros | 18.000\$000 |
| Presidente do senado | 18.900\$000 |
| Senadores | 5.400\$000 |
| Deputados | 2.160\$000 |
| Prefeitos do 1.ª classe | 7.200\$000 |
| » de 2.ª classe | 5.400\$000 |
| » de 3.ª classe | 3.600\$000 |
| Napoleão III custou á França durante dezoito annos: | |
| Por anno | 10.800.000\$000 |
| Por mez | 900.000\$000 |
| Por dia | 29.520\$000 |
| Por hora | 1.232\$820 |
| Por minuto | 20\$520 |

Vinte mil quinhentos e vinte reis, quando tantos operarios ganhavam por dia apenas 500 reis.

Eis agora, a par, as despesas do que custa á França o presidente da Republica, ministros, deputados, senadores e altos funcionarios:

| | |
|------------------------------|--------------|
| O presidente | 216.000\$000 |
| Escudeiro-mór (nada) | |
| Capellão-mór (nada) | |
| Veador-mór (nada) | |
| Governador do palacio (nada) | |
| Ministros | 10.800\$000 |

| | |
|-------------------------|------------|
| Presidente do senado | 10:800.000 |
| Presidente da camara | 10:800.000 |
| Senadores | 1:620.000 |
| Deputados | 1:620.000 |
| Prefeitos de 1.ª classe | 54:000.000 |
| » de 2.ª classe | 4:320.000 |
| » de 3.ª classe | 3:240.000 |

Um outro caso interessante, suscitado pelos últimos trabalhos do microbiologista Pasteur.

Uma senhora inglesa, que occupa o lugar de secretario da Sociedade contra a viviseccao, acaba de protestar contra o methodo de Pasteur, sustentando que para a cura da raiva é remedio bastante a cauterisacao. N'uma carta que dirigiu ao illustre sabio francez esta senhora sustenta a sua these, e não contente de affirmar que, tendo sido mordida cinco ou seis vezes por cães damnados, se curára cauterisando as feridas, ajunta: Offereço-me ao sr. Pasteur para me fazer morder no seu laboratorio por cães damnados, com a condição, porém, de deixar curar as mordeduras como eu entender.»

Eis uma mulher que tem a coragem das suas opiniões.

O ministro da instrucção publica e das Bellas Artes, da Republica franceza pede 88.961 francos, afim de adquirir e distribuir pelas escolas primarias diversas estampas, cuja cifra se eleva a 1.041.251 exemplares.

As estampas que eram até hoje consideradas como um simples objecto de recreio para as creanças, podem ser utilizadas tambem para um fim pedagogico.

Em Franca existe já uma commissão de homens scientificos, dedicados a impulsionar esse novo methodo d'instrucção.

E' assim que na grande Republica se cura da primeira necessidade dos povos.

Em Philadelphia estão-se levando a cabo experiencias em grande escala para purificar a agua, arejando-a sómente.

Este systema funda-se nos dois principios seguintes:

1.º Em que toda a impureza

da agua provém da existencia de elementos organicos misturados na sua massa.

2.º Que o contacto das substancias organicas com o oxigenio, que em estado livre subsistem na atmosfera, reduz aquellas a materia fixa e inorganica.

Por um systema de compressão, conseguiu-se injectar em uma massa d'agua 20 por cento do volume de ar livre. Depois da experiencia, encontrou-se que a quantidade de oxigenio na agua augmentava 17 por cento, quantidade sufficiente para a oxidacao de todas as impurezas organicas contidas nas aguas que se submeteram a este regimen.

BIBLIOGRAPHIA

A Semana. — Saiu já o n.º 1 d'esta publicação — revista de sciencia, litteratura e artes, dirigida pelo nosso amigo Alberto Bessa.

Os pedidos d'assignatura devem ser dirigidos ao administrador José Francisco Gomes da Veiga: rua de Santa Catharina, 251. — Porto.

Bug-Jargal. — Saiu o 4.º fasciculo d'este romance editado pela Empreza Litteraria Horas de Ocio.

Aventuras d'um joven naturalista. — Está publicada a 4.ª caderneta d'esta obra, de que tambem é editora a Empreza Litteraria Horas d'Ocio.

Os pedidos devem ser enviados aos srs. Martins & Martins, rua de Santa Catharina, 172 — Porto.

Revista de Medicina Dosimetrica. Recebemos o numero 13 do 3.º anno

Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Lóyos, 35 — Porto.

O Pastelleiro de Madrugal. — Recebemos o fasciculo n.º 6. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhões do criminoso. — Recebemos o fasciculo 2 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26 — Lisboa.

A Illustração Portuguesa. — Recebemos o n.º 22 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar — Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECCÃO DE ANNUNCIOS

RANCISCO PEREIRA DE LIMA
EMPRESARIO DA
Fundição do Braçal
EM SEVER DO VOUGA

PARTICIPA aos seus freguezes e ao publico que se acha habilitado a fornecer os seguintes trabalhos de fundição de ferro e bronze: fogões de sala até 7 gostos diferentes, bancos para jardins e praças, ornatos para gradeamentos de janellas, panelas, ferros d'alfaite, ditos amarellos a vapor para engomar, bombas para tirar agua, encanamentos para agua ou gaz. E todas as mais obras pertencentes á sua arte. Preços reduzidos.

O annunciante apresenta-se em qualquer parte onde seja convidado para tratar qualquer obra. Encomendas e correspondencia ao annunciante, para as Minas do Braçal.

CAZA

ALUGA-SE uma, em bello local, com commodidades para duas familias.

Quem quizer, falle com a Viuva Fontes Pereira de Mello.

BANDEIRAS

Has de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

ALUGA-SE

UMA casa sita na rua de Santo Antonio. A tratar com A. Ponce Leão Barbosa.

OFFICINA DE CARPINTEREIRO
— RUA DE ALFANDEGA —
(balco do hotel Cysne do Vouga)
Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, taes como armazéns para lojas, carpintarias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.
Todos os pedidos a
Fernando Homem Christo

VINHO NUTRITIVO DE CARNE
Privilegiado, autorizado pelo governo, e aprovado pela junta consultiva de saúde publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda o mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inaccção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrófulosas, e em geral na convalescencia de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com qualquer bolachinha, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido effe-

tua-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA SEM RIVAL

Superior a quantas até hoje tem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE
C. G. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima «exposição» de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM
OFFICINA DE SERRALHERIA

EM
— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cãmas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA
COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da **COMPANHIA SINGER** que se vendem á prestações de 500 reis semanaes, sem prestacao de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"
AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79— AVEIRO
(Pegado á Caixa Economica)

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUGUESE, ILLUSTRADA COM 500 GRAVURAS NOVAS COMPRADAS AO EDITOR PARISIENSE EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o prego do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura para adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisacão de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6 — Porto.

PHAEÏTON

No hotel **Cysne do Vouga** ha um para alugar. Quem o pretender pôde dirigir-se ao dito hotel.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, amicosos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

OS MILHÕES DO CRIMINOSO

Ultima é a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte— O Incendiario.

2.ª parte— O grande industrial.

3.ª parte— A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 reis— 50 reis semanaes.

Brindes a cada assignante: 100.000 reis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz pe Pau, 26, 1.º Lisboa.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emphavo, João C. Gomes. Deposito geral, Pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Contra a tosse

XARÓPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitales. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BIBLIOTHECA DO CURA DE ALDEIA

211—RUA DO ALMADA—217

PORTO

OS PREDESTINADOS

POR

Henrique Perez Escrich

Acaba de sair do prelo o 3.º volume. Preço de cada volume 500 reis. Para os srs. assignantes 450 reis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

ARNALDOGAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª Edição Illustrada)

A obra constará de dous volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 reis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se aceitam assignaturas vindó acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisacão de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso— 4 e 6 — PORTO.